

# REVISTA VIA TEOLÓGICA

Volume 21 – Número 41 – Junho / 2020

ISSN 1676-0131 (IMPRESSA)

ISSN 2526-4303 (ON LINE)

JUNHO / 2020

## APROXIMAÇÕES ENTRE TEOLOGIA CRISTÃ E PSICOLOGIA: O AMBIENTE ACADÊMICO COMO ESPAÇO DE DIÁLOGO ENTRE RELIGIÃO E CIÊNCIA

*Dr. Edilson Soares de Souza*



# APROXIMAÇÕES ENTRE TEOLOGIA CRISTÃ E PSICOLOGIA: O AMBIENTE ACADÊMICO COMO ESPAÇO DE DIÁLOGO ENTRE RELIGIÃO E CIÊNCIA

Approaches between Christian Theology and Psychology: the academic environment as an interchange field between religion and science

*Dr. Edilson Soares de Souza<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Doutor e Mestre em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Realizou o Estágio de Pós-Doutorado em História, também na UFPR, pesquisando a relação entre Cristianismo, Psicologia e Cultura no contexto brasileiro. Professor nas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). Coordenador do Grupo de Pesquisa Teologia e Psicologia (FABAPAR/CNPq). Psicólogo Clínico e Bacharel em Teologia. E-mail: professor.edilson@fabapar.com.br.

## RESUMO

Teologia cristã e psicologia fazem parte do amplo universo dos saberes humanos e produzem significativas reflexões no ambiente acadêmico, tendo como pressupostos as suas especificidades, acumuladas em teorias, tipologias e diversas metodologias, que são peculiares a cada área do conhecimento. Reconhecendo que a teologia cristã e a psicologia colocam-se como áreas do saber, ambas comprometidas com as suas respectivas produções, percebe-se o ambiente acadêmico como um espaço privilegiado para o diálogo. Aspecto relevante para a análise é o entendimento da constituição da sociedade brasileira, tendo no cristianismo a principal religião durante quase quatro séculos. Posteriormente, a teologia precisou reconhecer e se aproximar de outros saberes que por aqui foram instituídos, entre eles as ciências voltadas aos cuidados da saúde mental e, em outro momento, a inserção da psicologia. Destaca-se ao longo da discussão que o ambiente acadêmico pode favorecer a aproximação respeitosa entre teologia e psicologia, visando o bem-estar do ser humano em toda a sua dignidade como pessoa.

**Palavras-chave:** Teologia. Psicologia. Cristianismo. Ciências.

## ABSTRACT

Christian theology and psychology belong to the broad universe of human knowledge and produce notable reflections in the academic environment, with the assumptions of their specificities, sticking to theories, typologies and multiple methodologies, which are peculiar to each area of knowledge. Recognizing that Christian theology and psychology stand as fields of knowledge, both committed to their respective productions, the academic environment is appraised as a privileged space for interchange. The relevant aspect for the analysis is

the understanding of the constitution of the Brazilian society, having Christianity as the main religion for almost four centuries. Subsequently, theology needed to recognize and approach other guidelines that were set in motion here — among them the science focused on mental health care and at last, the introduction of psychology. It is noteworthy throughout the discussion that the academic environment may be of benefit to a respectful approximation between theology and psychology, seeking the well-being of the human being in all his dignity as a person.

**Keywords:** Theology. Psychology. Christianity. Science.

## INTRODUÇÃO

Das muitas áreas do conhecimento que exercem influência no contexto social brasileiro, duas podem ser destacadas: a teologia de viés cristão e a psicologia em suas múltiplas formas e Escolas. É possível afirmar que há uma “teologia” que se chama popular, constituída a partir das experiências de muitos brasileiros, que empreendem uma relação com o sagrado e os seus ritos, tomando como base os dogmas do catolicismo romano ou mesmo as divergentes doutrinas dos que se percebem protestantes e chamados evangélicos. Mas é possível afirmar que há também uma “psicologia” que se chama popular, assumida e praticada por parte da população, que se expressa nas conversas informais, tendo uma aparência de legitimidade, sobretudo, diante das perdas, das dores e dos mais variados sofrimentos humanos. Desta forma, tem-se uma suposta “teologia” e uma aparente “psicologia” que se originam das vivências religiosas e das inquietações do povo brasileiro.

Para além da manifestação de uma vivência que surge entre os brasileiros, outro saber tem lugar no ambiente acadêmico, constituindo-se em um espaço de diálogo entre religião e ciência, destacando-se duas áreas do conhecimento formal e institucio-

nal: a teologia cristã e a psicologia, ambas dedicadas ao Ensino Superior, tendo nas Instituições reconhecidas pelo Estado o seu espaço de reflexão e capacitação, objetivando o aperfeiçoamento daqueles e daquelas que atuarão no contexto social brasileiro. Assim, a reflexão que se segue tem por objetivo considerar esta última possibilidade, tendo no ambiente acadêmico de formação teológica um possível espaço para o diálogo com outra área do saber: a psicologia. Uma questão que pode nortear a análise que se segue é: que percepções a teologia e a psicologia podem alcançar sobre o ser humano, tendo no ambiente acadêmico um espaço facilitador para o diálogo?

Parte-se do seguinte pressuposto: várias disciplinas da área da psicologia são ofertadas nos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Teologia. Por outro lado, a Psicologia avançou e continua aprofundando a sua análise sobre os fenômenos e o impacto das várias experiências religiosas e espirituais no psiquismo humano, tanto no sentido funcional quanto disfuncional. Disciplinas como Psicologia Geral, Psicologia da Religião, Psicologia aplicada ao Aconselhamento Pastoral, entre outras, além de Grupos de Pesquisas certificados pelos órgãos de fomento podem ser identificados nos currículos das Instituições de Ensino Superior (IES) em teologia. Um exemplo é o *Grupo de Pesquisa Teologia e Psicologia*, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Teologia das Faculdades Batista do Paraná (PPG em Teologia da FABAPAR), também certificado pelo CNPq.<sup>2</sup>

Um objetivo do presente texto é pensar o ambiente acadêmico de formação em teologia cristã como um espaço para o diálogo com a psicologia; mas também considerar os esforços de uma forma de psicologia que reconheça a integralidade do ser humano, inclusive, entendendo que aspectos religiosos e espiri-

<sup>2</sup> O *Grupo de Pesquisa Teologia e Psicologia*, formado e certificado em 2016, publicou duas coletâneas que refletem parte dos seus estudos: *Diálogos entre Teologia Cristã e Psicologia* (2018) e *Teologias, Psicologias e Humanidades* (2019), ambas pela Editora CRV, socializando alguns estudos dos pesquisadores do GP, além de outros convidados que discutiram sobre as duas áreas do saber.

tuais fazem parte da constituição do ser. Se por um lado observa-se a presença de elementos constituintes da psicologia nos estudos da teologia, embora exista certa resistência de determinados segmentos religiosos, nota-se que a psicologia também se debruça sobre questões de ordem religiosa, espiritual ou mesmo teológica. Também pelo lado de determinados segmentos da psicologia, nota-se alguma resistência no trato das questões que apontam para o sagrado, como se tal temática não fizesse parte do discurso do paciente em tratamento psicológico. No que pese existir uma clara distinção entre a formação em nível superior em teologia e em psicologia, o texto pretende ampliar a discussão sobre a aproximação das duas áreas acadêmicas e de capacitação profissional. Assim, a análise empreendida destacou: a constituição da sociedade brasileira, a presença da religião cristã entre os brasileiros, a chegada das ciências voltadas ao tratamento da saúde mental e a inserção da psicologia acadêmica no século XX.

## 1. CRISTIANISMO, SAÚDE MENTAL E PSICOLOGIA NA CONSTITUIÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA

Uma sociedade é constituída a partir de múltiplas contribuições: assim aconteceu com a sociedade brasileira a partir de 1500, quando os portugueses de confissão cristã aportaram no litoral daquelas novas terras. Desde então, religião, política e diversos saberes amalgamaram e formaram o povo brasileiro. Desta forma, o cristianismo, convivendo com os diversos regimes políticos, além dos saberes humanos que se manifestaram nas ciências que aqui chegaram, forjaram uma sociedade singular nesta parte das Américas. Objetivando entender a relação entre teologia e psicologia, o presente texto propõe, inicialmente, apontar para alguns elementos que atuaram na constituição da sociedade brasileira.

A religião cristã, ao lado do poder expansionista de Portugal, marcou os primeiros movimentos de uma nova sociedade que se formava. Sobre a religião, escreveu Paulo Dalgalarondo: “a religião é, seguramente, um objeto de investigação dos mais complexos, posto que, como fenômeno humano, é, a um só tempo, experiencial, psicológico, sociológico, antropológico, histórico, político, teológico e filosófico”.<sup>3</sup> Partindo da colocação de Dalgalarondo, pode-se empreender uma leitura da sociedade brasileira considerando a religião como objeto de análise.

No caso da sociedade brasileira, tratou-se da Religião Cristã, que acompanhou a esquadra cabralina, trazendo na bagagem elementos de uma cristandade europeia que refletia um medievo em declínio, além dos interesses políticos e econômicos daquela sociedade portuguesa.<sup>4</sup> Portugal de tantas lutas e superações, que entre a Idade Média e a Era Moderna empreendeu esforços expansionistas, forjava outra colônia além mar. Aliados a tais componentes, a sociedade brasileira se constituiu, também, a partir das profundas vivências humanas, dos sofridos dramas pessoais e anônimos, além dos interesses egoístas e altruístas que moldaram uma nova sociedade. Desta forma, razão, emoção, religião e ciências ajudaram a constituir o que se chama povo brasileiro.

Escreveram Vainfas e Souza sobre os acontecimentos que envolveram o cristianismo na Europa, com desdobramentos no Brasil Colônia:

as festas e procissões foram comumente vistas pela historiográfica como provas da exterioridade da nossa religiosidade colonial. O apego às exterioridades, como marca de nosso catolicismo, que se expressaria na profusão de capelas, no aspecto teatral, no culto a santos, na afeição

<sup>3</sup> DALGALARONDO, Paulo. *Religião, psicopatologia e saúde mental*. Porto Alegre: Artmed, 2008, p. 16.

<sup>4</sup> Para uma compreensão mais detalhada da presença de religiosos na esquadra de Pedro Álvares Cabral, indica-se: CASTRO, Silvio. *A Carta de Pero Vaz de Caminha*. Porto Alegre: L&PM, 2009.

maior ao externo, à imagem do que a coisa figurada, do que ao espiritual, teria nas festas coloniais seu melhor exemplo.<sup>5</sup>

O contraste que os autores fazem entre as festas religiosas do catolicismo no Brasil e outra forma de se viver o romanismo (talvez tido como oficial?!), apontava para os primeiros passos da constituição de toda uma sociedade. Segundo os autores, parece que aquele cristianismo optou pela expressão de uma religiosidade mais representativa do que internalizada ou racional, já que as capelas que se multiplicaram pelo Brasil romanista passaram a representar a fé cristã que atravessou o Atlântico. Era uma fé mais emotiva do que racional, tendo nas singelas imagens dos santos que por aqui foram introduzidos um sentido sobre o sagrado na Colônia de Portugal. É possível, então, considerar que o cristianismo aqui implantado desde 1500 tenha se utilizado de várias formas de inserção social, valorizando mais uma expressão de religiosidade do que uma fé acolhida no íntimo da alma humana, o que a Reforma no cristianismo do século XVI buscou resgatar, no que ficou conhecido como *Sola Fide* (somente pela fé). Eis uma distinção entre religiosidade (externo) e espiritualidade (interno), objetos de interesse da teologia cristã e da psicologia!

No entanto, no Brasil, essa possível distinção entre formas de se expressar o cristianismo somente ocorreu a partir do início do século XIX, com a abertura dos portos aos povos amigos do Império, favorecendo a chegada dos primeiros protestantes. Inicialmente, foram os imigrantes europeus e estadunidenses, de forte convicção protestante. Posteriormente, chegaram os missionários que representavam as instituições ou as chamadas *Juntas Missionárias*, vinculadas às diversas igrejas e denominações acatólicas. Vale lembrar que, entre o século XIX e o século XX, a distinção de se pensar e se praticar o cristianismo foi temá-

<sup>5</sup> VAINFAS, Ronaldo; SOUZA, Juliana Beatriz de. Brasil de todos os santos. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 50.

tica recorrente entre o clero do catolicismo e parte da liderança protestante. Os vários embates discursivos, com características apologéticas e polemistas, marcaram a presença do cristianismo e os seus distintos projetos que objetivaram influenciar a sociedade brasileira. No bojo daqueles projetos, a ênfase na espiritualidade interna, por parte dos protestantes, opunha-se às práxis implantadas pelo catolicismo ao longo dos quatro primeiros séculos da sociedade brasileira.<sup>6</sup>

Voltando ao Brasil Colônia e Império, nota-se que além das incumbências de orientar a religiosidade do povo, o catolicismo dedicou-se a outra área: a administração pública e a política formadora de toda a sociedade. Para Boris Fausto, “as duas instituições básicas que, por natureza, estavam destinadas a organizar a colonização do Brasil foram o Estado e a Igreja Católica”.<sup>7</sup> Fausto, então, lembrou que tais instituições não eram distintas, já que estavam vinculadas por interesses comuns. Para o autor, “não existia na época, como existe hoje, o conceito de cidadania, de pessoa com direitos e deveres com relação ao Estado, independentemente da religião”.<sup>8</sup> Afinal, “a religião do Estado era a católica e os súditos, isto é, os membros da sociedade, deviam ser católicos”.<sup>9</sup> O quadro de simbiose entre o cristianismo romanista e o poder do Estado, como considerou Fausto, durou aproximadamente quatrocentos anos, até a Proclamação da República. Assim, no final do século XIX o Estado assumiu uma posição de não exclusividade confessional, assegurando aos credos e as confissões religiosas o mesmo destaque e liberdade.<sup>10</sup>

Desta forma, desde o século XVI até os dias atuais, a presença da religião cristã no Brasil buscou deixar a sua marca e exercer

<sup>6</sup> SOUZA, Edilson Soares de. *Cristãos em confronto: Brasil, 1890-1960*. Curitiba: CRV, 2014.

<sup>7</sup> FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 13.ed.. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009, p. 59.

<sup>8</sup> FAUSTO, 2009, p. 60.

<sup>9</sup> FAUSTO, 2009, p. 60.

<sup>10</sup> A discussão sobre um Estado não confessional, a partir da República no Brasil, diferentemente de uma sociedade marcadamente cristã, pode ser observada em: SOUZA, Edilson Soares de. *Cristãos em confronto: Brasil 1890-1960*. Curitiba: CRV, 2014.

a sua influência, tanto pelas diversas iniciativas de cunho religioso quanto pela implantação de capelas e paróquias que se espalharam pelo vasto território brasileiro. Nos quase quatrocentos anos de soberania do catolicismo brasileiro, os projetos educacionais se espalharam, tendo nos colégios de confissão romanista o acolhimento das crianças em seus primeiros passos no conhecimento formal, dando a oportunidade de se chegar às reconhecidas Universidades Católicas. O mesmo esforço educacional foi empreendido pelos protestantes, que iniciaram as suas atividades religiosas e educacionais no século XIX, prosseguindo também até os dias atuais. No que pese a predominância do cristianismo no Brasil Colônia e Império, com a sua teologia, aspectos e necessidades da existência humana foram contemplados.

No entanto, a constituição da sociedade brasileira não se deu somente pelo cristianismo que aqui aportou, tanto pelo viés romanista quanto protestante. Outra força ou influência mostrou-se atuante no desenvolvimento do povo, que gradativamente foi ocupando um vasto território. Sincronicamente ao avanço do cristianismo, outros saberes buscaram se instalar e exercerem significativa influência entre os brasileiros. Pode-se dizer, inclusive, que o espaço ocupado por outros saberes se mostrou mais tímido, inicialmente, se comparado com o domínio exercido pela teologia, mas foi uma inserção igualmente relevante. Tal constatação não causa surpresa, já que no início da Era Moderna (séculos XVI e XVII) o cristianismo já contava com aproximadamente dezesseis séculos de existência. Os conflitos mais intensos entre religião e os outros saberes (alguns vinculados às ciências) ainda estavam por acontecer, já que essas outras áreas do conhecimento humano avançaram paulatinamente, beneficiadas por movimentos como o *Humanismo*, inclusive, entre os cristãos.<sup>11</sup> Assim, o cristianismo no Brasil precisou conviver com outros sa-

<sup>11</sup> Para uma leitura sobre “a contribuição dos humanistas”, inclusive, com relação aos “humanistas bíblicos”, indica-se a obra de: MATOS, Alderi Souza de. *A caminhada cristã na história: a Bíblia, a igreja e a sociedade ontem e hoje*. Viçosa: Ultimato, 2005, p. 69-70.

beres e com as ciências da Era Moderna que avançavam consistentemente em parte do mundo.

É importante que se ressalte que a chegada do cristianismo ao Brasil não trouxe, intencionalmente, uma reflexão filosófica ou mesmo uma ação, conquanto incipiente, de alguma prática de cuidado do ser humano ao Sul das Américas. Reforça tal condição a afirmação de Sérgio Buarque de Holanda, já que “as atividades profissionais são, aqui, meros acidentes na vida dos indivíduos, ao oposto do que sucede entre outros povos, onde as próprias palavras que indicam semelhantes atividades podem adquirir acento quase religioso”.<sup>12</sup>

Para Holanda, “os entraves que ao desenvolvimento da cultura intelectual no Brasil opunha a administração lusitana faziam parte do firme propósito de impedir a circulação de idéias novas que pudessem pôr em risco a estabilidade de seu domínio”.<sup>13</sup> Se os saberes da filosofia ou mesmo da medicina conquistavam outros horizontes com o avanço das chamadas ciências modernas (em espaços europeus), no contexto brasileiro os projetos que envolviam estas áreas do conhecimento, entre outras, não alcançaram o mesmo êxito. Não houve um esforço consistente para a implantação das escolas que incentivassem as reflexões e as práticas das ciências em expansão na Europa ocidental. Posturas como as observadas no Brasil Colônia e Império, ao lado de outras ações inadequadas, reforçaram uma concepção de que a Europa se constituía no centro do mundo.

A falta de um interesse maior pela reflexão acadêmica e formal limitou-se ao período do Brasil Colônia, pois a partir do início do século XIX as reflexões e as práticas que já estavam em circulação na Europa também chegaram ao Império; e avançaram mais intensamente no período da República. Desta forma, os cuidados com o ser humano, o que incluía o seu psiquismo,

<sup>12</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. 26.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 156.

<sup>13</sup> HOLANDA, 1995, p. 121.

somarem-se ao trabalho pastoral realizado pelo catolicismo romano entre o povo brasileiro. Se a teologia foi presença constante na constituição da sociedade brasileira, desde o século XVI, outros saberes se instalaram por aqui a partir do século XIX, objetivando um cuidado mais humanizado das pessoas. Por outro lado, a psicologia, enquanto reflexão acadêmica, surgiu no cenário brasileiro somente no século XX.

No texto intitulado *Primórdios da assistência em saúde mental no Brasil (1841-1930)*, de autoria de Guilherme Silva e Adriano Holanda, há uma discussão mais objetiva sobre os primeiros passos da psicologia entre os brasileiros.<sup>14</sup> Lembrem, então, os autores: “o Brasil, ainda colônia portuguesa, não tinha, no século XVII, qualquer especificidade em proposição de tratamento de saúde ou assistência social que fosse voltado para os indivíduos excluídos da sociedade da época, fossem loucos, índios, escravos, colonos”.<sup>15</sup> Ao considerar um dos primeiros métodos de tratamento para os distúrbios do psiquismo humano no século XIX, Silva e Holanda acrescentam: “o alienismo – que marca a concepção ‘moderna’ de loucura – estava intimamente ligado ao Iluminismo e à revolução francesa”.<sup>16</sup>

Silva e Holanda, tomando como base os estudos de Arruda e Antunes, consideram os registros históricos das primeiras escolas, com ênfase acadêmico-cientificista, que se instalaram no Brasil colônia, mas somente após a chegada da corte portuguesa no século XIX:

em 1665, foi designado um Físico e Cirurgião-Mor, para fiscalizar as doenças das cidades. Não houve alterações quanto a isso até a chegada de D. João VI e sua corte, em 1808. Na sequência da chegada da corte imperial, foram criadas as primeiras escolas voltadas à formação de pesso-

<sup>14</sup> SILVA, Guilherme Bertassoni da; HOLANDA, Adriano Furtado. *Primórdios da assistência em saúde mental no Brasil (1841-1930)*. Memorandum, 27, out/2014. Belo Horizonte: UFMG; Ribeirão Preto: USP, 127-142.

<sup>15</sup> SILVA; HOLANDA, 2014, p. 128.

<sup>16</sup> SILVA; HOLANDA, 2014, p. 128.

al na área de saúde, quais sejam, os Colégios de Cirurgiões (1813, no Rio de Janeiro; e em 1815, na Bahia) e a Academia Imperial de Medicina (em 1829). Na mesma época foram inauguradas Santas Casas de Misericórdia (tendo o *La Charité*, de Berlim, como modelo) nas Províncias. Em 1829, é fundada a Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, tendo o modelo francês por influência.<sup>17</sup>

O surgimento tardio das escolas voltadas à saúde física e mental no Brasil deve-se, sobretudo, a falta de interesse na colônia portuguesa aqui implantada, já que a instalação das escolas citadas se deu após a chegada da corte imperial no início do século XIX. Se o aparecimento das escolas de saúde mental deu-se no Brasil daquele período, mais tardiamente surgiu o interesse pela psicologia, cujo ingresso entre o povo brasileiro ocorreu no século XX. Tendo em Wilhelm Wundt (1832-1926) um dos mais proeminentes pesquisadores nos primórdios da psicologia, enquanto novel ciência no século XIX, nota-se que não seria possível a inserção da psicologia, enquanto ciência, na sociedade brasileira antes do século XX. A psicologia, portanto, mostra-se uma ciência recente, tanto no mundo quanto no Brasil, mas revela-se significativa na contribuição aos estudos do psiquismo humano.

A psicologia, que ainda não era conhecida no Brasil, buscou o seu espaço e a possibilidade de reflexão, como afirmou Figueiredo:

meu caminho foi o de refazer o processo de gestação do próprio espaço psicológico para entender como e por que ao final do século XIX se abriu um campo no qual vieram a se instalar diversos projetos de psicologia que, apesar de suas diferenças, tinham em comum a pretensão de estabelecer a psicologia como uma área independente de saberes e intervenções *sui generis*. Em outras palavras, meu objetivo passou a ser

<sup>17</sup> SILVA; HOLANDA, 2014, p. 128.

o de compreender a história da constituição do espaço psicológico e de como este espaço se organizou em termos de lugares, cada lugar ensinando uma maneira de teorização e de exercício profissional.<sup>18</sup>

Se a teologia chegou ao Brasil, acompanhada pelas celebrações cristãs ministradas por Frei Henrique de Coimbra, oficiante da primeira missa em terras recém ocupadas, a psicologia tardou mais de quatro séculos para ocupar o seu espaço em terras brasileiras. Mas, com o regime político que se instalou com a República no final do século XIX, instaurou-se uma abertura para o estabelecimento de diversas áreas do saber, tendo nas Faculdades e Universidades a possibilidade do avanço das ciências surgidas no final daquele século e aprimoradas no século XX. A constituição da sociedade brasileira contaria, doravante, não apenas com as reflexões da teologia, mas com as áreas da saúde mental e da psicologia, entre outras expressões do conhecimento humano.

## 2. TEOLOGIA CRISTÃ E PSICOLOGIA NO CONTEXTO DA SOCIEDADE BRASILEIRA

203

Diferentemente do que ocorreu com a psicologia, que alcançou o seu desenvolvimento no século XX, entendendo-a como ciência e profissão, a teologia pode ser analisada ao longo dos três períodos que marcaram a trajetória social brasileira. Cabe esclarecer, no entanto, que a teologia cristã que pode ser observada na constituição da sociedade brasileira não tinha status de ciência ou mesmo de profissão, embora na Europa os estudos teológicos ocupassem lugar de destaque. Trata-se, portanto, de uma teologia com algum vínculo com o catolicismo português, mas também de uma teologia que foi se conformando com as experiências e práticas de uma colônia ultramar. Afinal, pode-se dizer que não existe teologia somente nas cátedras, algumas

<sup>18</sup> FIGUEIREDO, Luís Cláudio M. Revisitando as psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 27.

contando com séculos de existência, mas há também uma teologia que se revela nos ritos religiosos, nas festas que celebram os santos e nas práticas de um catolicismo popular.<sup>19</sup>

Tomando como base os três períodos que caracterizam a formação social do Brasil, pode-se afirmar que a teologia cristã esteve presente em cada um deles. Contudo, embora a teologia tenha caminhado sincronicamente ao desenvolvimento social brasileiro, desde 1500 até os dias atuais, ela não foi homogênea e continua não sendo unívoca. Isto é, a teologia no Brasil seguiu as formas que assumiu em outros países e períodos, revelando a sua pluralidade quanto ao esforço de reflexão e a sua intenção de persuasão. Nos dois primeiros períodos que encerram os acontecimentos no Brasil (períodos da Colônia e do Império, o que inclui também a Regência), o predomínio da reflexão teológica esteve sob as penas dos pensadores romanistas, no que pese a falta de um absoluto alinhamento com as orientações clericais da Igreja Católica Apostólica Romana. Vale lembrar que no período em que os portugueses iniciavam o processo de colonização das terras além-mar, inicialmente nomeadas de *Terra de Vera Cruz* ou mesmo *Terra de Santa Cruz*, a Igreja Católica buscava conter uma crise interna, motivada por aspirações reformistas dentro de seu próprio clero, no que ficou conhecido como Reforma no cristianismo do século XVI, posteriormente chamada Reforma Protestante.

Se o “achado” territorial celebrado na carta de Pero Vaz de Caminha (1500) indicava o avanço do cristianismo além dos limites de uma Europa em ebulição, as noventa e cinco teses teológicas apresentadas e defendidas por Marinho Lutero davam outro tom aos conflitos eclesiásticos e doutrinários no seio de um cristianismo europeu ainda em expansão. Foram tempos de desafios para o cristianismo em sua trajetória, buscando supe-

<sup>19</sup> Para a compreensão desta forma de catolicismo indica-se: JURKEVICS, Vera Irene. Brasil português: marcas de um catolicismo popular. *Via Teológica*. Faculdade Teológica Batista do Paraná, n. 18, dez/2009, p. 98-118.

rar as suas crises internas, ao mesmo tempo em que procurava ser relevante para as sociedades nas quais estava presente. A exemplo de outras religiões monoteístas, o cristianismo pode ser compreendido a partir de sua caminhada histórica, de sua expressão em cada sociedade, como também na análise de sua produção teológica. No Brasil, para efeito da presente discussão, dois ramos da teologia cristã ocidental podem ser citados: a teologia cristã de viés católico romano e a teologia cristã de confissão protestante, elaborada pelas igrejas e denominações que se aproximaram da fé reformada.<sup>20</sup>

Embora a teologia predominante no Brasil, nos quase quatrocentos anos de Colônia e Império, fosse marcadamente católica romana, um acontecimento no âmbito da teologia reformada merece destaque. Trata-se de um documento da historiografia do cristianismo conhecido como *Confissão de Fé da Guanabara*. O documento reflete a primeira tentativa de inserção do protestantismo no Brasil, quando alguns holandeses de confissão calvinista aportaram no Rio de Janeiro e procuraram estabelecer uma primeira colônia cristã não alinhada com o catolicismo, já presente no Brasil.

Parte do pensamento teológico protestante daquele período está presente no livro *A tragédia de Guanabara*, que tem como subtítulo *Historia dos Protomartyres do Christianismo no Brasil*, com edição em português de 1917. A obra é de autoria de Jean Crespin, que buscou lembrar o legado deixado por Jean Du Bourdel, Matthieu Verneuil e Pierre Bourdon, que foram executados no dia 9 de fevereiro de 1558, na baía de Guanabara, após elaborarem um documento que ficou conhecido como *Confissão de Fé da Guanabara*. O documento revela as “afflicções e dispersão da Primeira Igreja Reformada estabelecida na America-Brasil

---

<sup>20</sup> O universo teológico no Brasil constitui-se para além das teologias católica e protestante, já que outras formas de se pensar o cristianismo fazem parte do cenário religioso brasileiro, reconhecendo que existem expressões teológicas que não estão alinhadas com o cristianismo tradicional e histórico.

(1557-1558)”.<sup>21</sup> Aquela *Confissão de Fé* começa com uma posição teológica – sobre Deus – que tem norteado o cristianismo ao longo dos séculos e que se fez presente nas primeiras décadas do Brasil Colônia.

Após uma breve introdução, assim começa *A Confissão de Fé da Guanabara*: “Cremos em um só Deus, imortal e invisível, creador do céu e da terra, e de todas as coisas, tanto visíveis como invisíveis, o qual é distinto em tres pessoas: o Pae, o Filho e o Santo Espirito, que não fazem sinão uma mesma substancia em essência eterna e uma mesma vontade”.<sup>22</sup> O documento é composto por dezessete artigos confessionais, buscando explicar a fé daqueles primeiros cristãos de convicção calvinista chegados ao Brasil. Neste sentido, a palavra de Mark Carpenter, ao prefaciá-lo *O livro dos mártires*, de autoria de John Foxe (1516-1587), mostra-se oportuna: “o mártir cristão é aquele que prefere morrer a renegar seu Senhor e sua fé”.<sup>23</sup>

206

Em contrapartida, ao considerar a influência da teologia de viés romanista no Brasil, Villaça lembrou: “o primeiro professor de teologia (Salvador, entre 1576-1582) foi o padre Miguel Garcia, S. J. (1550-1618), que juntou sua voz à do padre Gonçalo Leite contra a escravidão”.<sup>24</sup> No que pese a ausência de qualquer forma de psicologia no Brasil Colônia, mesmo porque tal ciência ainda não fora concebida, as questões que envolviam a condição humana e as suas forças de opressão, como representadas na prática da escravidão e o seu tráfico para o Brasil, já eram denunciadas pela teologia daquele período. Além dos nomes citados, outras figuras se destacaram na reflexão e na produção da teologia católica nos primeiros séculos de constituição do povo brasileiro.

Para Villaça, “a figura central da história da cultura no

<sup>21</sup> CRESPIAN, Jean. *A tragédia de Guanabara ou: Historia dos Protomartyres do Christianismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Typo-Lith. Pimenta de Mello & c., 1917, p. 11.

<sup>22</sup> CRESPIAN, 1917, p. 65.

<sup>23</sup> FOXE, John. *O livro dos mártires*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005, p. 7.

<sup>24</sup> VILLAÇA, Antonio Carlos. *O pensamento católico no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 24.

Brasil colônia é, por certo, a de Vieira. A sua visão é messiânica. O seu pensamento gira derredor de uma ideia, que lhe é fundamental: o reino de Deus através dos portugueses. Eis o sentido último da sua cosmovisão”.<sup>25</sup> Sobre o perfil daquele pensador e de suas fontes, pode-se ler: “Vieira não é filósofo, nem propriamente um pensador, mas um pregador. Sua obra, seu pensamento são os *Sermões* e as *Cartas*, e nestas mais do que naqueles se lhe revela o fino pensamento político”.<sup>26</sup> Eis duas fontes – *Sermões* e *Cartas* de Antônio Vieira – significativas para a compreensão da trajetória da teologia cristã no Brasil, tendo como balizamento o período de Colônia.<sup>27</sup>

Na falta de uma área do saber para analisar e refletir sobre os temas da existência humana (como o faz a psicologia na atualidade), o padre Antônio Vieira, a partir de sua teologia, marcadamente filosófica, aventurou-se por tais caminhos. Na percepção de Villaça, “todos os temas da oratória sacra setecentista lhe foram familiares e sobre todos discorreu com agudeza, intensidade”.<sup>28</sup> E complementou sobre o padre Vieira: “o tempo e a morte, eis os seus dois grandes temas”.<sup>29</sup> Eis alguns temas que a psicologia retomaria a partir de sua presença e atuação no Brasil República: a existência humana, a valorização do tempo, o sentido de vida, além de empreender análises sobre a morte e a sua realidade na caminhada do ser humano.

A teologia cristã prosseguiu em seu esforço reflexivo e de orientação quanto às práxis religiosas, avançando além do Brasil Império até chegar ao regime republicano, datado de 1889, quando se encontrou com a psicologia. Esta aproximação entre

<sup>25</sup> VILLAÇA, 2006, p. 25.

<sup>26</sup> VILLAÇA, 2006, p. 25.

<sup>27</sup> Para outros detalhes introdutórios sobre as *Cartas* de Antônio Vieira, indica-se: VIEIRA, Antônio. *Cartas*, volume I. J. Lúcio Azevedo (Coordenador e notas). São Paulo: Globo, 2008. Para análises complementares sobre *Sermões* do padre Antônio Vieira, indica-se: VIEIRA, Antônio. *Sermões*. De acordo com a edição seiscentista, única autorizada. Vol. XXI. São Paulo: Editora das Américas, 1957.

<sup>28</sup> VILLAÇA, 2006, p. 27.

<sup>29</sup> VILLAÇA, 2006, p. 27.

a teologia e a psicologia propiciou resultados dignos de registro, como a obra publicada pelo padre jesuíta Leonel Franca, intitulada *Psicologia da Fé*, que revelou o interesse da teologia pelo psiquismo humano, no que pode ser considerado um marco no diálogo entre religião e ciência, no início do século XX.<sup>30</sup>

Se algumas escolas de saúde mental chegaram ao Brasil no século XIX, a psicologia fez a sua inserção, enquanto expressão acadêmico-profissional, em meados do século XX. Esta foi a percepção de Daniel de Souza e Miriam de Souza Pan, autores do texto *Os sentidos dos direitos humanos nos códigos de ética da psicologia*.<sup>31</sup> Dois aspectos pertinentes que ajudam na presente reflexão foram apontados por Souza e Pan: o primeiro está relacionado à compreensão de uma psicologia oficial, que pode ser datada a partir da publicação do primeiro Código de Ética do Profissional de Psicologia (1975); cabe lembrar que já existiam profissionais atuando no Brasil antes da década de 1970, mas a normatização das atividades profissionais pode ser entendida como um marco oficial de regulamentação de uma categoria profissional. O segundo aspecto tem a ver com a dignidade da pessoa humana, observada na produção discursiva de uma área acadêmica e profissional. No entanto, a reflexão proposta pelos pesquisadores dos Códigos de Ética dos Profissionais de Psicologia indica uma temática relevante: o acolhimento da pessoa a partir dos Direitos Humanos. Eis uma temática que pode aproximar teologia cristã e psicologia, tendo no ambiente acadêmico o seu espaço de reflexão.

<sup>30</sup> Para uma compreensão sobre a possibilidade de diálogo entre teologia e psicologia, entre o final do século XIX e parte do século XX, indica-se: SOUZA, Edilson Soares de. Cristianismo, psicologia e cultura na República brasileira: debates sobre a influência da religião no desenvolvimento humano (Brasil, 1896-1934). Curitiba: CRV, 2016.

<sup>31</sup> SOUZA, Daniel Jaccoud Ribeiro de.; PAN, Miriam Aparecida Graciano de Souza. Os sentidos dos direitos humanos nos códigos de ética da psicologia. Memorandum, 30, abr/2016. Belo Horizonte: UFMG; Ribeirão Preto: USP, p. 120-147.

### 3. TEOLOGIA E PSICOLOGIA NO AMBIENTE ACADÊMICO DE FORMAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL

Teologia e psicologia estão presentes, de certa forma, no ambiente social brasileiro, pois algumas temáticas aproximam as duas áreas do conhecimento humano. Depoimentos, participações e opiniões de especialistas ou mesmo de pessoas interessadas nas duas abordagens se multiplicam nas mídias. Temas como: as práticas religiosas, a busca de espiritualidade interna, a valorização da transcendência, os relacionamentos afetivos, as várias formas de amar e de perdoar são alguns assuntos presentes em encontros formais e também nos momentos de informalidade. Compreender o impacto da ansiedade, o sofrimento produzido pela depressão, o aumento de violência social entre outros objetos de discussão, interessam aos estudiosos da psicologia, mas interessam também aos estudiosos de outras áreas, inclusive, cientistas da religião e pesquisadores da teologia cristã.

Sendo os temas anteriormente citados de interesse da psicologia e também da teologia, enquanto áreas acadêmicas e voltadas aos estudos mais profundos de seus objetos e de suas problemáticas, entende-se que o ambiente acadêmico possa favorecer a reflexão e uma forma de aproximação entre os dois saberes. Afinal, a dignidade humana deve ocupar a atenção, tanto dos estudos em psicologia quanto em teologia. Cabe aqui uma observação: a proposta de aproximação não subtrai os limites teóricos e metodológicos que encerram as duas áreas de reflexão e práxis. Tal aproximação, como pensada, parte uma relação respeitosa daqueles e daquelas que se debruçam sobre temáticas comuns, mas com pressupostos e pensadores específicos da teologia e da psicologia.

Neste sentido, não cabe à teologia e aos seus agentes adentrar em manejos que são de competência de outras ciências

e especialistas. Não cabe, igualmente, à psicologia uma postura de menosprezo com relação aos outros saberes ou ciências, reconhecendo que outros contribuam para o desenvolvimento de suas especialidades. Dito isso, reforça-se a proposta de uma teologia empreendida por estudiosos da área, cuja produção possa ser analisada por outros interessados. Da mesma forma, deve-se apoiar uma psicologia pautada por teóricos das várias escolas e abordagens, cujo manejo profissional seja exclusivamente de competência de seus agentes. Conquanto o reconhecimento das fronteiras das duas áreas de estudo, a intenção de aproximação entre teologia e psicologia, dando-se no ambiente acadêmico, pode: a) fomentar avanços no conhecimento da estrutura do ser humano; b) valorizar e defender a dignidade do ser humano; e c) gerar um bem-estar no sentido holístico para todas as pessoas.

A proposta de uma aproximação entre saberes humanos, tendo no ambiente acadêmico um espaço de reflexão e troca de conhecimentos encontra na Idade Média um de seus modelos: trata-se do Escolasticismo ou da chamada Escolástica. A referência ao medievo não tem como intenção um saudosismo com relação às condições de vida e de práticas sociais daquele período, mas o apoio que a história oferece sobre iniciativas de aproximações entre disciplinas acadêmicas. A Escolástica foi, no medievo, um esforço de diálogo entre os vários saberes instituídos naquele longo período.

Para José D’Assunção Barros,

a Escolástica guarda, antes de mais nada, íntimas relações com a Universidade: não apenas os grandes pensadores da Escolástica serão os mestres das várias Universidades que começam a surgir nas proximidades do século XIII, como a própria estrutura corporativa da universidade, dividida em saberes especializados – a Filosofia, a Medicina, o Direito, a Teologia – corresponde também à maneira como vai se organizando o

saber escolástico desde o princípio.<sup>32</sup>

De acordo com Barros, quatro áreas do conhecimento dominaram as discussões no contexto do Escolasticismo medieval: Filosofia, Medicina, Direito e Teologia. Sobre a metodologia que se instalou nas Universidades daquele período, pode-se ler: “o método escolástico desenvolve-se em torno de alguns pontos essenciais, entre eles a ‘precisão vocabular’ e a ‘Dialética’ – conjunto de operações que fazem do objeto de saber um problema que será exposto e sustentado contra o interlocutor real ou imaginário”.<sup>33</sup> Desta forma, tem-se uma filosofia que buscou o diálogo com a teologia cristã e também, mais recentemente, com a psicologia. Quanto à teologia, pode ser considerada (naquele período) uma das protagonistas entre os saberes já instituídos; sobre a Medicina e o Direito, sabe-se que foram e, ainda, são áreas comprometidas com o desenvolvimento humano, bem antes da Idade Média.

Alderli de Matos, então, considerou a aproximação entre teologia e filosofia:

os teólogos e filósofos escolásticos revelaram grande otimismo quanto ao potencial da razão humana para esclarecer as questões mais importantes da existência. Enquanto alguns colocavam o intelecto no centro de toda a reflexão teológica, muitos mantiveram seu compromisso básico com a fé, a revelação e a tradição da Igreja. A teologia passou a ser considerada a ‘rainha das ciências’ nos currículos das escolas e universidades.<sup>34</sup>

Cabem algumas reflexões objetivas: a) a primeira é que pensadores da teologia e da filosofia reconheceram, no medievo, que a razão humana tinha um lugar diferenciado na busca por respostas às questões enfrentadas pelas pessoas em sua jornada

<sup>32</sup> BARROS, José D’Assunção. A Escolástica em seu contexto histórico. FRAGMENTOS DE CULTURA, Goiânia, v. 22, n. 3, p. 231-239, jul./set. 2012, p. 232.

<sup>33</sup> BARROS, 2012, p. 233.

<sup>34</sup> MATOS, Alderli Souza de. Fundamentos da teologia histórica. São Paulo: Mundo Cristão, 2008, p. 107-108.

existência; b) a segunda é que além da ênfase na razão, outros cristãos optaram por experiências pautadas na fé e no apoio da tradição da Igreja; e c) a terceira remete a uma manifesta pré-disposição por parte da teologia – aquela alinhada ao catolicismo romano – em dialogar com três áreas que se destacavam na Idade Média: a Filosofia, a Medicina e o Direito.

Desta forma, pode-se avançar para responder à questão inicialmente proposta: que percepções a teologia e a psicologia podem alcançar sobre o ser humano, tendo no ambiente acadêmico um espaço facilitador para o diálogo? Para Lothar Carlos Hoch, a *Teologia Prática* constitui-se como “premissa de todo fazer teológico na medida em que mantém as antenas voltadas para o mundo e coleta os temas atuais e os desafios que requerem um posicionamento por parte da teologia e da Igreja”.<sup>35</sup> Comenta Hoch: “à Teologia Prática cabe a tarefa de ser um posto avançado de escuta das preocupações e angústias que atormentam as pessoas e a sociedade na atualidade”.<sup>36</sup> Assim, acolher as preocupações e angústias dos seres humanos mostra-se relevante para a teologia, como também se mostra pertinente para a psicologia!

Para o autor, a chamada Teologia Prática pode ser datada de 1810, quando a disciplina, com certa resistência, foi implantada na Faculdade de Teologia da Universidade de Berlim.<sup>37</sup> As considerações de Hoch indicam um tipo de teologia que se permite dialogar com outras áreas do conhecimento, sobretudo, por estar atenta ao sofrimento humano, resultado de suas preocupações, inquietações e angústias. Eis alguns temas que ocupam os estudiosos também da psicologia, já que a angústia vivenciada pelo sujeito pode levá-lo a empreender investigações em sua alma, facilitadas e intermediadas pelas práticas e intervenções

<sup>35</sup> HOCH, Lothar Carlos. O lugar da Teologia Prática como disciplina teológica. In.: Teologia prática no contexto da América Latina. Cristoph Schneider-Harpprecht (org.). 2.ed. São Leopoldo: Sinodal/ASTE, 2005, p. 31.

<sup>36</sup> HOCH, 2005, p. 31.

<sup>37</sup> HOCH, 2005, p. 23-26.

da psicologia. Em contrapartida, espera-se da psicologia uma postura que reconheça a dimensão espiritual da alma humana, que percebe no sagrado a possibilidade de transcendência e respostas aos seus clamores interiores.

O Escolasticismo tornou-se uma forma de provocação e, ao lado de outros saberes humanos, elegeu o ambiente acadêmico como um espaço de reflexão, produzindo um saber relevante nos primórdios das universidades na Europa. Séculos depois, entre 1909 e 1939, dois pensadores exemplificam a importância da aproximação entre ciência e religião. Sigmund Freud – um dos expoentes das ciências do psiquismo no final do século XIX e início do século XX – empreendeu uma produtiva, controversa e respeitosa discussão com Oskar Pfister – um pastor protestante que procurava aplicar as teorias freudianas no contexto do cristianismo reformado. Os diálogos empreendidos por trinta anos entre Freud e Pfister alimentam a esperança de outras aproximações exitosas em nível acadêmico, discutindo religião, espiritualidade e ciência, objetivando a saúde integral do ser humano.

Algumas correspondências que foram trocadas entre os dois pensadores estão reunidas no livro *Freud e Pfister*, apontando para “um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã”.<sup>38</sup> Escreveu Anna Freud em seu depoimento sobre a presença do pastor Oskar Pfister no ambiente familiar: “no ambiente doméstico dos Freud, alheio a toda vida religiosa, Pfister, com seus trajes, aparência e atitude de um pastor, era uma aparição de um mundo estranho. No seu modo de ser não havia nada da atitude científica quase apaixonada e impaciente, com a qual outros pioneiros da análise encaravam o tempo passado à mesa com a nossa família – como uma interrupção das suas discussões teóricas e clínicas”<sup>39</sup> O relato de Anna Freud remete aos lugares que favorecem os encontros, que por sua vez operam o crescimento do

<sup>38</sup> FREUD, Sigmund. Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939). Viçosa: Ultimato, 1998.

<sup>39</sup> FREUD, Anna. Prefácio III. In.: FREUD, Sigmund. Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939). Viçosa: Ultimato, 1998, p. 18-19.

ser humano em sua totalidade. Assim, não são apenas os espaços acadêmicos que aproximam as pessoas e os saberes, mas também o aconchego da família, que carinhosamente acolhe as diferenças e se propõe a encontrar respostas aos sofrimentos humanos.

Parece que o que importa na aproximação entre alguns tipos de teologia e algumas formas de psicologia é menos uma nova abordagem teórica ou metodológica, e sim uma sensibilidade daqueles e daquelas que olham para o seu próximo a partir de uma concepção integralista, acolhedora e cuidadosa, em suas múltiplas expressões. As escolas, os pressupostos teóricos, as técnicas, tanto da teologia quanto da psicologia, apontam para a importância histórica e prática de suas jornadas de superação. No entanto, o respeito ao outro, o desejo de se colocar como facilitador diante das dores do semelhante e a disposição em se doar diante dos dramas da existência são percepções que a teologia e a psicologia podem buscar, a partir de um ambiente acadêmico que acolha a diferença e valorize o outro. Perceber o outro, com a sua dor e a sua fragilidade, pode promover a dignidade humana, sobretudo, favorecendo o acolhimento e a humanidade de cada ser!

214

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algumas considerações finais podem ser oferecidas quando se propõe analisar uma possível aproximação entre teologia e psicologia, ou entre religião e ciência. A primeira é a lembrança das reflexões e contribuições de Viktor Emil Frankl, teórico da Logoterapia, ou da terapia de sentido da vida. No *Prefácio* de um texto traduzido para o português com o título *A busca de Deus e questionamentos sobre o sentido* pode-se ler: “a Psicoterapia e a Teologia, a ciência e a fé combateram ou ignoraram uma à outra por tanto tempo e tão inutilmente que chegou o momento de arriscar um diálogo aberto entre aqueles que – em suas posições –

se esforcem por promover a cura ou a salvação do homem”.<sup>40</sup> No Prefácio, assinado por Frankl (pensador do psiquismo humano) e Lapide (professor e doutor em Teologia Judaica), é possível visualizar, parcialmente, algumas possibilidades de diálogo entre teologia e psicologia. Um dos objetivos da presente reflexão foi lembrar alguns esforços que marcaram a caminhada humana na busca de aproximações e de diálogos, tendo no ambiente acadêmico um espaço para o encontro.

A afirmação de Farris e Sathler-Rosa também se mostra pertinente quando o assunto é a aproximação entre teologia e psicologia. Para os autores: a “religiosidade pode ser fator de saúde ou não, mas não necessariamente é expressão de insani- dade mental. A fé religiosa tem o potencial de trazer serenidade e felicidade autêntica aos humanos e, ademais, pode ser força inspiradora de transformação cultural”.<sup>41</sup> Tomando como base as considerações dos dois pensadores, entende-se que teologia e psicologia podem se aproximar, respeitosamente, empreendendo um diálogo entre os estudiosos das duas áreas, tendo no desenvolvimento integral do ser humano um ponto de relevância.

No que pese as tipologias das teologias (sejam romanistas, protestantes ou de outras vertentes interpretativas), como também as escolas das psicologias (sejam analíticas ou das escolas fenomenológicas ou humanistas), o que se espera é a aproximação entre os dois saberes. O ser humano terá a sua dignidade reconhecida, como também a sua alma valorizada e fortalecida, quando as religiões e as ciências se aproximarem e se esforcem pelo bem comum da humanidade.

<sup>40</sup> FRANKL, Viktor E.; LAPIDE, Pinchas. A busca de Deus e questionamentos sobre o sentido: um diálogo. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 55.

<sup>41</sup> FARRIS, James Reaves; SATHLER-ROSA, Ronaldo. Religião salugênica e religião patogênica: uma aproximação à luz da psicologia. Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor., Curitiba, v. 3, n. 2, p. 361-382, jul./dez. 2011, p. 380.

## REFERÊNCIAS

BARROS, José D’Assunção. **A Escolástica em seu contexto histórico**. FRAGMENTOS DE CULTURA, Goiânia, v. 22, n. 3, p. 231-239, jul./set. 2012.

CASTRO, Silvio. **A Carta de Pero Vaz de Caminha**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

CRESPIN, Jean. **A tragédia de Guanabara** ou: Historia dos Protomartyres do Christianismo no Brasil. Rio de Janeiro: Typo-Lith. Pimenta de Mello & c., 1917.

DALGALARRONDO, Paulo. **Religião, psicopatologia e saúde mental**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

**DIÁLOGOS ENTRE TEOLOGIA E PSICOLOGIA**. Edilson Soares de Souza (organizador). Curitiba: CRV, 2018.

216

FARRIS, James Reaves; SATHLER-ROSA, Ronaldo. **Religião sa-lugênica e religião patogênica: uma aproximação à luz da psicologia**. Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor., Curitiba, v. 3, n. 2, p. 361-382, jul./dez. 2011.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 13.ed., 1.reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009, p. 59.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio M. **Revisitando as psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos**. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

FOXÉ, John. **O livro dos mártires**. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

FRANCA, Leonel. **A psicologia da fé e o problema de Deus**. Rio de Janeiro: PUC-Rio e Loyola, 2001.

FRANKL, Viktor E.; LAPIDE, Pinchas. **A busca de Deus e questionamentos sobre o sentido**: um diálogo. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FREUD, Sigmund. **Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939)**. Viçosa: Ultimato, 1998.

FREUD, Anna. **Prefácio III**. In.: FREUD, Sigmund. **Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939)**. Viçosa: Ultimato, 1998, p. 18-19.

HOCH, Lothar Carlos. **O lugar da Teologia Prática como disciplina teológica**. In.: Teologia prática no contexto da América Latina. Cristoph Schneider-Harpprecht (org.). 2.ed. São Leopoldo: Sinodal/ASTE, 2005, p. 31.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JURKEVICS, Vera Irene. **Brasil português**: marcas de um catolicismo popular. Via Teológica. Faculdade Teológica Batista do Paraná, n. 18, dez/2009, p. 98-118.

MATOS, Alderi Souza de. **A caminhada cristã na história**: a Bíblia, a igreja e a sociedade ontem e hoje. Viçosa: Ultimato, 2005.

MATOS, Alderi Souza de. **Fundamentos da teologia histórica**. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

SILVA, Guilherme Bertassoni da; HOLANDA, Adriano Furtado. **Primórdios da assistência em saúde mental no Brasil (1841-1930)**. Memorandum, 27, out/2014. Belo Horizonte: UFMG; Ribeirão Preto: USP, 127-142.

SOUZA, Daniel Jaccoud Ribeiro de.; PAN, Miriam Aparecida Graciano de Souza. **Os sentidos dos direitos humanos nos códigos de ética da psicologia**. Memorandum, 30, abr/2016. Belo Horizonte: UFMG; Ribeirão Preto: USP, p. 120-147.

SOUZA, Edilson Soares de. **Cristãos em confronto**: Brasil, 1890-1960. Curitiba: CRV, 2014.

SOUZA, Edilson Soares de. **Cristianismo, psicologia e cultura na República brasileira**: debates sobre a influência da religião no desenvolvimento humano (Brasil, 1896-1934). Curitiba: CRV, 2016.

**TEOLOGIAS, PSICOLOGIAS E HUMANIDADES**. Edilson Soares de Souza (organizador). Curitiba: CRV, 2019.

VAINFAS, Ronaldo; SOUZA, Juliana Beatriz de. **Brasil de todos os santos**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

VIEIRA, Antônio. **Cartas**, volume I. J. Lúcio Azevedo (Coordenador e notas). São Paulo: Globo, 2008.

VIEIRA, Antônio. **Sermões**. De acôrdo com a edição seiscentista, única autorizada. Vol. XXI. São Paulo: Editôra das Américas, 1957.

VILLAÇA, Antonio Carlos. **O pensamento católico no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

